"PODES VIR QUE AQUI ESTOU A TUA ESPERA": A VIAGEM E A MALA DO E/IMIGRANTE NA LITERATURA EPISTOLAR PORTUGUESES EM SÃO PAULO (1890 E 1930)

Maria Izilda Santos de Matos

Incorporando uma perspectiva da história cultural, estes escritos discutem a presença dos e/imigrantes portugueses em São Paulo (1890 e 1930), através da análise as cartas de chamada e demais correspondências localizadas no Memorial do Imigrante de São Paulo e em arquivos europeus. A análise particulariza nas referências aos preparativos da saída, a travessia e a mala da viagem, bem como a constituição de redes na sociedade de acolhimento.

Estas reflexões incorporam o diálogo da investigadora através de redes internacionais, envolvendo polos de pesquisadores portugueses (REMESSAS - Rede de Emigração da Europa do Sul para América do Sul), espanhóis (Grupo de Pesquisa de Escritas das Mobilidades do SIECE - Seminário Interdisciplinar de Estudos sobre a Cultura Escrita- da Universidade de Alcalá/Espanha e Centro de Estudos da Emigração Galega, da Universidade de Santiago de Compostela), italianos (Archivio Ligure della Scritura Popolare, da Universidade de Genova) e brasileiros.

EPISTOLÁRIO: ESCRITURA POPULAR E DESLOCAMENTOS

Os escritos privados, que contemplam os denominados "escritos ordinários", abarcam uma variedade de textos, inclusive a escritura dos populares, a esta pouca atenção tem sido dada na historiografia, possivelmente, por visões preconcebidas, de que os populares (devido à baixa alfabetização) não tinham condições de produzir registros expressivos. Inicialmente, estes documentos aparecem nas investigações como alternativos e/ou complementares, difundindo-se o seu uso com a abertura possibilitada pela emergência das "outras histórias", que ampliou os interesses sobre variadas experiências do passado. Estas recentes perspectivas geraram a necessidade de novas fontes com a valorização dos "escritos ordinários", que permitiram descobertas frutíferas sobre as históricas dos populares, incluindo sua cultura escrita.

Os populares produziram seus próprios documentos, entretanto, eles se encontram pouco preservados em arquivos públicos, sendo conservados através dos tempos e aguardos secretamente nos sótãos e baús, num sentido afetivo e visando preservar a memória familiar ou de um grupo. Estas fontes explicitam experiências múltiplas, excepcionais, aventuras pessoais, referências á vida cotidiana, privada e questões de ordem subjetiva.

Desde meados da Época Moderna, que os populares exercitaram a escritura frente ás necessidade de enfrentar as exigências burocráticas do Estado Moderno, o que coincidiu com certa difusão dos processos de alfabetização e escolarização. Apesar de reconhecerem-se as relações entre a aceleração dos processos de alfabetização/escolarização e o aumento dos textos populares, indiscutivelmente, o maior fator para tal expansão foi a necessidade de comunicação gerada pelas guerras (Primeira Grande Guerra) e pelos deslocamentos.

Os processos de deslocamentos exigiram dos e/imigrantes o exercício de leitura, circulavam um conjunto de manuais e guias, opúsculo, folhetos, periódicos, revistas, indicações de viagem e das condições nos países de destino, orientações sobre os tramites burocráticos (passaporte e autorizações), um amplo espectro textual que passou a fazer parte deste universo.

Da mesma forma, atribui-se um papel de destaque aos deslocamentos como elementos de estimulo a difusão e consolidação da leitura/escritura entre massas de e/imigrantes pouco letrados, que foram desafiados a produzirem documentos representativos e invocadores neste processo. Os distanciamentos familiares foram o mote central que levaram os populares a enfrentar o texto, eles eram movidos pelo desejo de preservar as ligações domésticas e familiares numa necessidade de manter e/ou construir *cadeias de tinta e elos de papel*, que se tornaram uma prática, necessidade e obrigação moral. Através destas missivas buscava-se combater silêncios, superar distâncias, perpetuar afetos, reforçar laços de família, parentesco e amizade, se fazer presente na ausência, assumir responsabilidades e combater a saudade.

As cartas não só retratam o processo de afastamentos, também são produtos deste. O gesto epistolar é considerado privilegiado, livre, secreto, íntimo, relato de experiências individuais que também foram (e são) experiências coletivas, textos privados e domésticos que se tornaram públicos, ao serem lidos. Permitem observar a e/imigração pelo caleidoscópico ponto de vista de seus protagonistas, e, simultaneamente, possibilitando compreender as transformações sociais, culturais e identitárias, além dos vínculos e sociabilidades constituídas no processo.

EPISTOLÁRIO: PATRIMÔNIO DOCUMENTAL

Enquanto um verdadeiro *tesouro documental* da escritura e memória popular (pelo seu volume e frequência), as correspondências dos e/imigrantes adquiriram interesse para os estudiosos. Estes escritos não são apenas peças essenciais de experiências individuais, trazem luzes para as histórias da e/imigração, aspectos difíceis ou quase

impossível de se perceber em outros *corpus* documentais, ressaltando as táticas de sobrevivências, ascensão social, dificuldades do cotidiano no campo e na cidade, as relações afetivas, sensibilidades e subjetividades.[1]

> E*l estudio de las escrituras migrantes nos permite comprender la variedad de los usos y las funciones de lo escrito en este momento histórico, dependiendo de los lugares en los que se escribe y de los motivos por los que se hace; y en función de todo ello, de las diferencias materiales que presentan los distintos documentos. Volver la mirada hacia los protagonistas de este fenómeno y emplear como fuentes las producidas por ellos mismos lleva al historiador a contemplar la emigración desde una perspectiva nueva y fundamental. A comprender, en suma, que estos documentos no sólo nos hablan de la experiencia de los hombres y mujeres corrientes, sino que son el producto y la consecuencia directa de ella.*[2]

Podem-se rastrear os estudos que se centraram no epistolário e/imigrante desde os finais do século XIX, em 1892, o Comissário de emigração da Itália, Luigi Bodio utilizou de missivas (700 cartas) provenientes do Brasil para analisar as condições destes e/imigrantes.[3] Da mesma forma, em 1913, o médico e literato, Filippo Lussana destacou aspectos da epistolografia da imigração analisando este material.[4]

Considerado um clássico sobre as correspondências e/imigrantes, William Isaac Thomas e Florian Znaniecki (1918-20) [5] recompilaram cinco volumes de cartas, a obra traz em sua introdução uma abordagem metodológica do uso das fontes, ainda hoje constantemente referenciada.

A despeito da potencialidade cartas de e/imigrantes enquanto documentação para a análise do passado, o reconhecimento no Brasil ainda é restrito, especialmente, se for comparado com as pesquisas realizadas na Itália, Grã Bretanha, França, Espanha, e em países receptores, como EUA e Argentina.

Contemporaneamente, destacam-se os estudos desenvolvidos na Universidade de Alcalá (Espanha), no SIECE (Seminário Interdisciplinar de Estudos sobre a Cultura Escrita), me-

1 CAFFARENA, 2012: 19.

2 BLASS, 2004: 93-119.

3 BODIO, 1894: 109-48.

4 LUSSANA: 1913.

5 THOMAS: 1918-1920.

recendo menção os trabalhos de Veronica Blass[6] e Laura Martinez e Martin, que priorizam as cartas de e-imigrantes espanhóis para a América Latina. Também, o Centro de Estudos da Emigração Galega, da Universidade de Santiago de Compostela, as pesquisas de Xosé M. Nuñez Seixas e de Raúl Soutelo Vázquez.[7]

Na Itália, no Archivio Ligure della Scritura Popolare, da Universidade de Genova, destacam-se as pesquisas capitaneadas por Antonio Gibelli[8] e Fabio Caffarena e para os e/imigrantes italianos no Brasil os estudos de Federico Croci,[9] entre outros.[10]

A tentativa de ilustrar a vida de e/imigrantes de origem francófona suscitou a organização da coleção *Envoyer et recevoir. Lettres et correspondances dans les diasporas francophones,* publicada em 2006.[11]

Já em Portugal, merecem menção as investigações de Henrique Rodrigues[12], concentrando-se nas cartas dos emigrados de Viana do Castelo.

EPISTOLÁRIO: TIPOLOGIA E CARACTERÍSTICAS

A e/imigração se instaurava como um movimento pendular entre a sociedade de saída e de acolhimento, marcado por variáveis complexas, desde situações conjunturais e estratégias familiares, perceptíveis pelas missivas. São historias particulares, mas que, quando sobrepostas, permite constituir um panorama diferenciado dos processos de deslocamentos, desconstruindo interpretações centradas exclusivamente nos mecanismos do *pull and push* e em elementos da miserabilidade[13]. As cartas permitem observar os vínculos constantemente construídos e reconstruídos entre as sociedades de saída e de acolhida, bem como a constituição de identidades bilocalizadas e até plurilocalizadas, os esforços e dificuldades de integração e manutenção das tradições no país de acolhimento.

Distinguem-se diferentes tipos de correspondências trocadas entre os i/emigrantes: cartas rituais (comunica-se nascimentos, mortes, casamentos etc.), cartas infor-

6 BLASS, 2004: 93-119..

7 SOUTELO VÁZQUES, 2001 e 2003: 123-176.

8 GIBELLI, 1989, 1997, 2002 e 2001: 563-574.

9 CROCI, 2008.

10 Em 1979, Emilio Franzina publicou uma coleção de cartas de camponeses vênetos que emigraram à América Latina, enquanto Franco Ramella e Samuel Baily analisaram as correspondências trocadas entre membros da família Sola entre o Piemonte e Buenos Aires. FRANZINA, 1979; BAILEY and FRANCO RAMELLA, 1988.

11 FRENETTE; MARTEL; WILLIS, 2006.

12 RODRIGUES. http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/2213; RODRIGUES; PORTUGUÊS, 2013.

13 CAFFARENA, 2012: 20.

mativas (transmite-se notícias não rituais), cartas sentimentais (de amor, rompimento, aspectos mais íntimos), cartas literárias (leitura pública, com interesses estéticos) e cartas de negócio e trabalho.[14]

As cartas de chamada são específicas do processo migratório: são missivas enviadas aos parentes e amigos com o objetivo de convidá-los para emigrar e facilitar os trâmites burocráticos de entrada e saída nas fronteiras, como comprovação da existência de conhecidos que poderiam acolhê-los, possibilitando ajuda, hospedagem e emprego. Estas missivas, muitas vezes, eram documentos privados, cartas pessoais com referências a relações familiares, conjugais e íntimas, explicitando sentimentos diversos, sua observação detalhada permite perceber que nas entrelinhas as cartas foram escritas e usadas com finalidade pública, a necessidade de se conseguir a autorização de embarque e/ou cumprir as exigências nos portos de chegada.

Nos primeiros meses após a viagem se responde com rapidez e se escrevem textos longos, cheios de detalhes e explicações, explicitando o impacto frente ao novo. A temática é a partida, o descritivo da viagem, a chegada e as primeiras impressões, depois o trabalho, os negócios e as novas relações. Com o passar do tempo e a distancia, a regularidade e a extensão decrescem, a escritura se torna eventual, com redução do texto e informações.

As correspondências revelam os diferentes níveis de escolarização[15], em alguns poucos casos, observa-se a caligrafia esmerada, bem contornada e firme, em contraposição, na maioria delas encontra-se a letra rústica e irregular. Quanto ao estilo, algumas cartas apresentam conhecimento das normas e o respeito ás regras, mas, a maioria está marcada pelos erros de ortografia, dificuldades ou inexistência de pontuação, uso aleatório de maiúsculas e minúsculas, denotando conhecimentos escassos da cultura letrada e esforço mental e físico da escritura. Outros aspectos de forma também denotam a baixa escolarização, como: emprego desordenado do papel, dificuldades de manter letra alinhada, texto ora comprimido ora alargado, a não sequência das folhas.

Neste epistolário, na maioria das vezes, o discurso era espontâneo, improvisado, com ausência e/ou dificuldades em organizar de estrutura lógica dos textos, estes são traços reveladores de sujeitos históricos nas franjas da alfabetização. A oralidade pode ser percebida da nos escritos através da presença de um português fonético, ausência de separação e/ou articulação indevida de palavras, troca de consoantes (v pelo b), expressões coloquiais e em desuso, frases feitas e algumas vezes expressões vulgares.

---

14 THOMAS; ZNANIECKI.

15 Desde meados do século XIX, que em Portugal, a escolarização foi uma necessidade sentida e reclamada pelos populares, sendo mesmo apoiada por mecenas que contribuíram para a construção de casas de ensino, merecendo destaque os "brasileiros".

Cabe destacar que os modelos textuais (abertura, invocação, saudação) e as características gráficas podem ser atribuídos à aprendizagem por imitação e cópia, a transmissão de modelos através dos manuais de correspondência, guias, revistas e periódicos, também aprendidos nos bancos escolares.

Para produção e leitura dos textos subentende competências no âmbito da instrução, na ausência de tais aptidões, se apelava para um escrevente/leitor (escrever a rogo), que poderia ser um familiar, amigo, conhecido, mestre escola, cura da aldeia ou mesmo profissionais da escritura, que cobravam pelos serviços, alimentando as correntes de comunicação entre os que partiam e os que permaneciam. As dificuldades eram maiores para as mulheres devido ao elevado índice de analfabetismo feminino, mais frequentemente, elas recorriam aos préstimos de intermediários para a escritura/leitura.

Alimentando cadeias de tinta e elos de papel estabeleceram-se limites pouco definidos entre letrados e analfabetos, com uma ampla margem de semianalfabetos. Apesar desta escassa competência, os e/imigrantes enfrentaram a necessidade de recorrer à tinta e ao papel para dar noticias aos seus, os deslocamentos tornaram-se um dos mais potentes produtores de escritura ao longo da história.

Cartas eram antídotos ás saudades, mas, também, formas de manter o controle, assim, se justificam os pedidos de notícias, os conselhos e orientações aos familiares (particularmente ás esposas), convertendo-se numa representação da autoridade ausente reproduzindo relações e hierarquias familiares e sociais.

Através das missivas buscava-se manter os vínculos com a aldeia de origem, possibilitando observar as dinâmicas na vida dos que partiam e dos que ficaram. Estas cartas funcionaram com boletim informativo que contribuiu para alimentar as cadeias e/imigratórias.[16] Não obstante, vários outros meios de comunicação, as informações sobre as condições nos países de acolhimento contidas nas cartas funcionaram como instrumentos propagandísticos, influenciando na decisão de emigrar, na eleição do destino e estabelecendo mecanismos de solidariedade.

A literatura epistolar dos e/imigrantes possibilita reconstituir elos entre o passado e o presente, a circularidade cultural entre a sociedade de partida e de acolhimento (solidariedade, ajuda frente ao novo, desconhecido e possivelmente hostil), facilidades e dificuldades de integração, mudanças e permanências de *habitus* (sabores, gostos, religiosidade), transmissão e reconstrução das tradições, entre várias outras questões.

16 A categoria rede de e-imigração incorpora tanto as ações familiares e comunitárias, como as estruturas impessoais de informação, difusão e apoio, articulando-se a noção de cadeia proposta por MACDONALD, 1964: 82-97; DEVOTO, 1988: 103-123.

TRAVESSIA: AÇÕES, CUIDADOS E RECOMENDAÇÕES.

As correspondências permitem recuperar diversas questões que envolvem os deslocamentos dos portugueses, cabendo destacar um sentido maior observado na documentação - o desejo de reunificação familiar, através das chamadas de esposas, filhos, parentes e conterrâneos. Em grande parte das epistolas observa-se maridos desejosos pela reunificação familiar, as esposas receberam, leram e usaram as missivas para fazer prova da ausência do companheiro, expondo as intimidades do casal, as dificuldades econômicas e financeiras, dívidas contraídas, bem como as preocupações e orientações de viagem.

O conhecimento contraído pelos e/imigrantes durante a travessia transatlântica, somado ás experiências adquiridas no Brasil, os levam a orientar seus parentes sobre procedimentos nos preparativos da partida, como: compra das passagens, providências com a documentação, embarque, cuidados e postura durante viagem, também, o que trazer e deixar.

Algumas vezes as passagens eram remetidas do Brasil, para evitar oportunistas e falsos agentes que ludibriavam os poucos experientes. Em outros casos, era cuidadosamente explicitado aonde e como comprar os bilhetes, para tanto eram enviados os valores necessários. [17]

> *Cu*ando comprarem os bilhetes de mar não fiem em lerias dos outros bão em coimbra no antonio fernandez e no avilio lagoas e onde derem maiz varato mais noço amigo é; não tragam objetos para ninguem porque save o que sucedeu comigo, com esse moço de soure entreguei os objetos e depois fiquei em má reputação a cualquer um dos primoz para andar junto no que for preciso que ele depois lhe a gradeço a pesar de lhe pagar...[18]
> ... *eu* lhe remeto o dinheiro para as duas passage, e mais dispezas, é precizo tirar os passaporte ahi e apresentar-se e Lisboa no governo civil que é para poder tirar as passagens e vir para aqui, é nessesario ter muito cuidado com as compras das passages com os correctos costumam roubar de que não conhesse E nessesario deixar uma pessoa conhecida para tomar conta das ou vender ou arrendar ou deixar um procurador de confiança ahi as passages é para tirar ate Santos que eu vou lhe esperar lá peço mandar dizer mais ou menos quanto preciza para as dispezas todas e passages.[19]

17 A frequência destas ações e as denúncias levaram ao estabelecimento do Regulamento de 03.07.1896, que especificava constituição e fiscalização de agências de emigração oficializadas.

18 Carta de 11/03/1916, n. 398. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

19 Carta de 10.08.1921. n.896. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

Incluía-se, também, a indicação da companhia de navegação avaliada pela credibilidade e segurança, ou que pudesse possibilitar maior conforto. Conjuntamente, detalhavam-se os tramites para a solicitação e obtenção do passaporte:

> Vais nu padre tiras as assertidões i bens a Guimaraes na ademenistração corres folha i dipoes bens para Braga nu goberno sivil tiras u pasaporte. Cando sahir vapor du porto tu vens i la nu mesmo dia compras a paçagem não te e preçizo encommudar peço alguma. Eu quero que tu venhas na mala Real Egleza que e de muito respeito não temas de vir que nu Vapor tomas muito conheçimento com familias.[20]

Orientavam-se sobre vários outros preparativos, como o percurso até o porto de embarque e cuidados antes de tomar o vapor. Mulheres, crianças e velhos deveriam vir acompanhados, com apoio de conhecidos, familiares, vizinhos, pessoas de confiança, honestas e respeitadoras; de preferência experientes e que soubessem ler; nesse sentido, eram feitas as indicações.

> Não venhas como a ovelha sem pastor. Fala com o filho do Meco das Porreiras, que eu já lhe escrevi, pedindo-lhe para tu vires na companhia dele e da senhora dele, porque ele parece que deve vir logo e eu faço gosto que tu venhas com ele.[21]

Eram frequentes as preocupações em regrar os comportamentos, normas de conduta e regras de sociabilidade durante a viagem, especialmente, para com as mulheres. As orientações eram expressas, para se cuidar com o comportamento, sendo conveniente evitar exposições, assédios e promiscuidades: "No vapor porta-te bem, sempre séria com toda a gente. Quando eu vim, vim com a cabeça perdida com umas mulheres..."[22]

Acautelava-se sobre possíveis acidentes á bordo, apontando os cuidados a tomar com as crianças e os mais idosos.

> Emquanto a viagem peço te que tenhas todo cuidado principalmente no vapor principalmente com a mãe que não de algum tombo nas escadas do vapor so depois de estares dentro examina bem o cuidado que deves ter cuidado au pinchar da lancha para o vapor. [23]

---

20 Carta de Jerónimo Fernandes á esposa Maria das Dores Fernandes, 03.1904, apud CUNHA1997: 35.

21 Carta do Processo do Passaporte n. 715, 31.10.1896. Apud. RODRIGUES in http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/2213.

22 Carta do Processo do Passaporte n.516, 22.05.1893, Apud RODRIGUES, idem.

23 Carta de 03/06/1913, n. 205. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

Nas cidades e aldeias circulavam relatos de viagem que alimentavam os medos de enfrentar a expedição transatlântica. Mesmo com o estabelecimento de linhas regulares de vapores, que garantiam percursos mais seguros e rápidos, ainda persistiam as histórias de trajetórias difíceis e naufrágios. Nas missivas as palavras de alento e estimulo visavam tranquilizar o/a viajante para enfrentar a longa travessia, lembrava-se de ações de solidariedade e cooperação no percurso, com a possibilidade de se estabelecer vínculos de amizade: "Tenha muita coragem para atravessar o mar: lembre-se que vem abraçar todos os seus filhos para ganhar mais animo."[24]

Desde os meados do século XIX (1855), que devido as constantes denúncias sobre as condições de viagem, implementaram-se ações regulamentadoras do controle de excesso de passageiros e bagagens, medidas de proteção e assistência aos viajantes em situação de adoecimento a bordo (as naus necessitariam ter uma botica e apoio médico). O regulamento de 07 de Março de 1863 determinava que os vapores devessem garantir alojamentos salubres e higiênicos, alimentação de boa qualidade e em quantidade, além de água bem acondicionada.

Apesar destes procedimentos legais, contudo, prosseguiam os problemas, que eram constantemente denunciados pela imprensa, que apontava que os e/imigrantes, em sua maioria, marcados pela ignorância, pobreza e analfabetismo, encontravam-se numa situação subalternidade e de desamparo durante a travessia.

As irregularidades persistiam, tornando a viagem precária, frente à falta de higiene, más acomodações, alimentação mal preparada e em pouca quantidade. Nas cartas aparecem várias recomendações, visando evitar privações e amenizar desconfortos, como levar alimentos para consumir durante a travessia, indicava-se ações para diminuir o mal-estar e enjoos (trazer limões e açúcar, frente às questões com água).

> Trás também um pouco de bacalhau, ia sim como também meia dúzia de chouriços para vosses comer em viaje ia sim como também comora um pouco de queijo que a sim te é perciso e o que mais te a petesser.[25]

Entretanto, se deviam evitar produtos que estragassem ao longo da viagem:

> Maria diz ao Srº Alfredo que eu hoje mesmo falei com o irmão e filho, e dis-lhe também que as masães que ele mandou aprodrecerão em antes de cá chigar, eu apresentava las mesmo assim, mas vinhão me a estragar

24 Carta de 10.05.1919. n. 438. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

25 Carta de 01.08.1912. n. 255. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

> outras coisas, e por isso mandeias aos peixes, se eu soubesse que ellas apodrecião, tinhas eu comido.[26]

Alertava-se para os cuidados com dinheiro e objetos de valor, precavendo-se de roubos, aconselhava-se que os bens deveriam ser guardados, disfarçadamente escondidos, tendo-se como alternativa:

> O dinheiro poiz um halço na saia branca i cozio o cardão trazio o pescoso. [27]
> Méte no bolso que te fáz fáta na viajem o seu cordão e as argólas guarda elas com sigo de módo que lhe não sêja tirado.[28]

Dever-se-ia prevenir perdas ou extravios de malas, sugeriam-se marcas de identificação na bagagem (faça três cruzes negras no baú). Indicava-se colocar numa mala de mão os acessórios e roupas para de uso á bordo ou no momento do desembarque.

> ... compra uma mala de mão para trazeres alguma roupa melhor para saltar em terra para não parsseres uma Patricia i não tragas lensso na cabessa que nesta terra não se uza i paresse Mal.[29]
> Compra votas para ti e para as filhas para não parceres uma Maria chegada da terra no desembarque aqui. [30]

A chegada era uma ocasião especial de reencontro, para tanto devia apresentar-se bem, com o que tivesse de melhor, roupa nova ou traje domingueiro. Nas correspondências aparecem as recomendações de vestir-se *a brasileira* e não aparentar *costumes da aldeia*, buscando demonstrar conhecimento sobre a cultura no país de acolhimento.[31] Algumas missivas apresentavam maiores preocupações frente ao desconhecimento dos hábitos, arrolando detalhadamente todo vestuário a ser comprado e trazido.

> Enviote esse catalogo para veres mais ou menos como deves te vestir assim como a menina visto os costumes d'aqui serem outros tomarais nota de tudo que gastaste Lucelia procura vestir mais ou menos custume de cidade e não de aldeia. [32]

---

26 Processo n. 987, 08/01/1912, Arquivo Distrital do Porto.

27 Processo n.691, 13.04.1912. Arquivo Distrital do Porto.

28 Processo n.389, 10.08.1912. Arquivo Distrital do Porto.

29 Processo n.599, 09.04.1912. Arquivo Distrital do Porto.

30 Processo n.255, 01.08.1912. Arquivo Distrital do Porto.

31 RODRIGUES, 2011: 302.

32 Processo n. 951, 06.07.1912. Arquivo Distrital do Porto.

> Compra uma malla e roupas Brazileira, lenços da cabeça e do pescoço é só para a viagem. [33]

Sobre as vestimentas masculinas, nas mensagens pedia-se que trouxessem paletós, ternos, casacos, camisas, ceroulas, meias, chinelos, sapatos, chapéus e guarda-chuvas; alguns recomendavam que as roupas fossem de qualidade nos tecidos e modelagem:

> Ahi ades resever 90.000 mil reis qureio que deve a chigar para o que presizo. Agora quando tu vieres trazme o terno da roupa Quero um terno queláro fino e uma calsa por fora tambem quelara Esso é feito em caza do oliveira. [34]

Outros faziam encomendas eram feitas, por considerarem os produtos mais caros no Brasil, como assinalado na carta de Manoel Marques dos Santos: "se me podeses traser um chapéu preto para a ca bessa de nr 5 e duque tenho mais nesidade ia qui são munto caras." [35]

Alguns e/imigrantes que conheciam os trâmites alfandegários aconselhavam cuidados com o porte de armas e com as próprias mercadorias, especificando para trazer os tecidos cortados e as solas dos sapatos sujas, evitando assim que fossem confiscados na entrada: "Previnote se trouxeres alguma arma seja ella como for au entrar para o vapor entrega para a mãe que meta no ceio."[36]

Nas epístolas pedia-se a confirmação da data de chegada e nome do vapor, garantindo a presença no desembarque, mesmo que significasse enfrentar um longo deslocamento do interior até o porto de Santos. Porém, quando isso era inviável, cuidava-se para que no porto ou na estação ferroviária tivesse alguém para recepcionar o recém-chegado, ajuda-lo com as bagagens, tramites na alfândega e Inspetoria de Imigração.

> Se eu não estiber em Santos e a Snra. não puder tirar as caixas ou bagagem que troxer a Snra. bai na estação do caminho de terra e compra bilhete para Pirituba ali eu tenho dado probidençias leve o conhecimento de bagagem que no dia seguinte eu benho buscar as ditas. [37]

---

33 Processo n. 060, 13.07.1912. Arquivo Distrital do Porto.

34 Processo de n.299, 05.08.1912. Arquivo Distrital do Porto.

35 Processo de n.339, 09.08.1912. Arquivo Distrital do Porto.

36 Carta de 03.07.1913, n. 205. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

37 Carta de 22.07.1912, n. 126. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

A DESPEDIDA: O QUE TRAZER E DEIXAR

Nas missivas analisadas, em sua maioria cartas de chamada, as referências ao regresso são praticamente inexistentes. Os remetentes eram imigrantes que encontraram possibilidades e se fixaram na sociedade receptora, possivelmente estas experiências contribuíram para o fim do projeto de retorno, o que aparece explicitado.

Nas correspondências observam-se as preocupações com o cotidiano em Portugal, tanto nas lidas rurais como nos negócios, deixando testemunhos das orientações trocadas entre os familiares e cônjuges. Ressaltam-se as diversas estratégias femininas desenvolvidas diante da ausência dos homens que migraram primeiro, as mulheres enfrentavam um cotidiano árduo e envolto em muito trabalho, trato da lavoura e dos animais, responsabilidades dos negócios, administração das remessas, somados aos cuidados com a casa e os filhos.

Nas epistolas, juntamente com os planos para a reunificação familiar, nota-se as especificações da partida, com todas as orientações do que deveria ser deixado ou trazido, doado ou vendido, que objetos, utensílios, animais e propriedades se desfazer e como

> e porisso dou-lhe ordem para as vender, e esses sibos que tem ahi venda-os ou faça delles o que quizer, porque logo que vem para o pé de mim não precisa lá delles, pode vendel-os e repartil-os com a outra e venha sem receio nenhum e recomendo para vir já depressa, que aqui não lhe falta que fazer mas nem de comer.[38]
>
> Minha querida mãe, venda tudo oque puder i o que não puder vender deia dismola aus pobres nada disso lhe ade fazer falta aqui se ganha para comer i para bestir i sempre se tem 50 ou sem milreis nalzibeira purisso querendo bir ista na sua bontade...[39]
>
> Minha mae se a Snrª vier o que me pertende assim deiche tudo para o meu sogro entregue aminha sogra a caisinha... minha mae veja bem não mefaça perder este dinheiro venha sen falta que aqui a senhora passa e mito bem...[40]
>
> Traz e a roupa que estiver bôa e a que não estiver da aos pobres por alma dos nossos pais e o resto da mobília faz della o que quizeres...[41]

38 Carta de 29.07.1912, n. 572. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

39 Carta de 26.08.1915, n. 763. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

40 Carta de 10.12.1923, n. 1126. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

41 Carta de 07.09.1912, n. 612. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

Os objetos que apresentavam possibilidade de uso no Brasil eram transportados, como ferramentas de ofícios (lápis de carpintar, esquadro, martelo, serrote, prima, lima, cinzel), utensílios para a prática agrícola (foice, pá, enxada, machado), incluindo instrumentos musicais (violão, violino, guitarra, pandeiro, adufe, castanholas, concertina, flauta e gaita).

> Enquanto a roupas tanto grossas como finas tudo é preciso tanto de cama como de corpo, ferramenta traz um prisma ½ kilo e traz uma colher grande d'aço que seja boa para rebocar traz um ou dois metros de molas traz trez timas das mais compridas feitas em sinzel que chamamos talha deixa o martelo compras cá não precisas de mais ferramentas. [42]

Eram vários os utensílios e maquinário considerados de serventia, por carta Antonio Fernandes pedia à esposa que trouxesse sua máquina de costura "bem encaixotada", dessa forma, ela poderia trabalhar como costureira, contribuindo na renda familiar. Igualmente, aparecem referências a utilidade dos fusos, teares, materiais de costura, bordado, tricô e crochê (peças de renda, de linho e outros tecidos, jogos de agulhas, novelos, retroses, linhas, etc).

Entre os objetos trazidos na mala do imigrante, encontravam-se vários apetrechos de uso doméstico, como: louças, talheres, roupas de cama e mesa, travesseiros, cobertores, mantas, colchões e móveis, o apego a estes componentes sugere a manutenção de hábitos da terra.

> Anna tráz com tigo os lenções que tiveres, e tráz 2 cobertores, e a tua roupa toda, e tráz a fáca que era minha, e toalhas um trabeceiro ou 2; os colxões, tudo isto que venha lavado, tráz isto tudo dentro da minha caixa, e 2 mantas das milhores, e o resto que tiveres, vende tudo a quem tepágue logo. [43]
> A cama se puderes manda-a encaixotar, meza não tragas alguma louça mettea dentro das málas e trala junto comtigo. [44]

Em várias mensagens aparecem pedidos para que se trouxessem objetos de valor, joias, cordões, medalhas, brincos, broches e anéis de ouro, além de relógios; todavia, se alertava para guardá-los com cuidados durante a viagem. Estes valores poderiam significar uma forma de transportar um capital, ou simples desejo de possuir o bem ou presentear a alguém:

---

42 Carta de 03.06.1913, n. 205. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

43 Processo de n. 482, 10.08.1912. Arquivo Distrital do Porto.

44 Processo de n.198, 01.08.1912. Arquivo Distrital do Porto.

> Também lhe dirás que se ella vier que traga uns brincos para a D. Maria (a espanhola) bem sabes quem tem o valor de 2$500 reis mais ou menos porque será a primeira mulher amiga que ella aqui terá. [45]

Eram constantes os pedidos de produtos alimentícios da terra como presunto, embutidos, amêndoas, noz, azeites, vinhos, salpicões, pinhões, entre outros. Sendo esta a oportunidade de matar a saudades dos sabores de além-mar; já que na experiência de deslocamento a alimentação é considerada o último costume abandonado, podendo ser considerado como um fator de resistência.

> Eu espero que a senhora venha antes do Natal para poder passal-o comnosco, se a senhora me poder trazer um Presunto, não precisa que seja muito grande mas isto é conversa minha.[46]
> Peço-te que tragas uma pouca de amêndoa e noz para a D. Chiquinha, que ella disseme que lha troucesses, amedoa e melhor vir em grão para não fazer tanto volume. [47]

A necessidade de se comunicar e manter vínculos foram impulsionadas pelos deslocamentos, que fomentaram a troca de cartas pelo Atlântico, possibilitando o estabelecimento de redes. Estas redes propagaram informações e permitiram chamadas, as cartas constituem registro e mote deste processo funcionando como veículos de divulgação da migração ao favorecem as saídas, criando circuitos que envolviam parentes, amigos, conterrâneos, estabelecendo bases de apoio que ajudavam a enfrentar as dificuldades e agruras do cotidiano na sociedade de acolhimento.

> Estas fontes - que parecem desprovidas de relevo para o estudo das novas imagens da mobilidade, por representarem episódios momentâneos e casuísticos e por só haver um emissor, uma carta e um receptor do qual desconhecemos as reações e respostas - são repositórios de valor inestimável sobre o universo migratório e as dinâmicas familiares, pois nelas reside uma imagem mais autentica, sem impressionismos ou ficções. [48]

---

45 Processo de n. 983, 08.07.1912. Arquivo Distrital do Porto.

46 Carta de 20.08.1919, n. 439. Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, APESP.

47 Processo de 07.09.1912, n.612. Arquivo Distrital do Porto.

48 RODRIGUES, 2011: 279.

Para o pesquisador as correspondências provocam muitas inquietações sobre os desdobramentos destas trajetórias, se a reunificação familiar foi possível ou não..., infelizmente, é impraticável responder a estas inquietações. Se a missão do historiador é questionar o passado contando suas histórias, cabe encerrar esta narrativa, com uma adaptação do dito popular... "Entre uma carta e outra, quem quiser que conte outra..."

Referências bibliográficas

BAILEY, Samuel L. and FRANCO RAMELLA, 1988. ***One Family: Two Worlds: An Italian Family's Correspondence Across the Atlantic, 1901-1922***. New Brunswick: Rutgers University Press.

BLASS, Veronica, 2004. "Puentes de papel": apuntes sobre las escrituras de la emigración. ***Horizontes Antropológicos***, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 93-119, jul./dez. 2004.

BODIO, Luigi, 1894. ***Sulla emigrazione italiana e sul patronato degli emigranti, en Atti Del primo Congresso geográfico italiano tenuto in Genova dal 18 al 25 settembre 1892***, vol.II, Tipografia Del Regio Istituto sordo-muti, Genova, pp.109-48.

CAFFARENA, Fabio, 2012. Introducción. In: CAFFARENA, Fabio e MARTÍN, Laura M. ***Escrituras migrantes: una mirada ítalo-española.*** Genova, Franco Angeli.

CROCI, Federico, 2008. "O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil". ***Revista Locus***, v.14, n2 julho/dez/2008.

CUNHA, Carmen Sarmento, 1997. Emigração familiar para o Brasil-Concelho de Guimarães 1890-1914, (Uma perspectiva microanalítica), Mestrado, ICS, Universidade do Minho.

DEVOTO, FERNANDO J, 1988. Las cadenas migratorias italianas: algunas reflexiones a la luz del caso argentino. ***Estudios Migratorios Latinoamericanos***, n. 8, CEMLA/Buenos Aires, p. 103-123.

FRANZINA, Emilio, 1979. ***Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contandini Veneti in America Latina 1876-1902***. Milano: Feltrinelli.

FRENETTE, Yves, MARTEL, Marcel et WILLIS, John (dirs), 2006. ***Envoyer et recevoir. Lettres et correspondances dans les diasporas francophones***, Québec, Les Presses de l'Université, Laval.

GIBELLI, Antonio, 1989. "Fatemi unpo sapere...": scrittura e fotografia nella corrispondenza degli emigrante liguri. In: *LA VIA delle Americhe: l'emigrazione ligure tra evento e racconto*. Catalogo della mostra, Genova, Sagep Editrice.

_____, 1997. Les témoignages des émigrants entre oralitè et écriture. In: ROUCHE, Monique; MALTONE, Carmela (Dir.). *Sur le pas des italiens en Aquitaine au vingtième siècle: actes du Colloque Internacional Talence-Bordeaux.* Burdeos: Maison de les Sciences de l'homme d'Aquitaine, 1997.

_____, 2002. Emigrantes y soldados: la escritura como práctica de masas en los siglos XIX y XX. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Coord.). *La conquista del alfabeto: escritura y clases populares*. Gijón: Trea.

_____; CAFFARENA, F., 2001. Le lettere degli emigrante. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, E. *Storia dell'emigrazione italiana*. Roma: Donzelli, p. 563-574.

LUSSANA, Filippo, 1913. ***Lettere di illetterati***. Note di psicologia sociale. Zanichelli, Bologna.

MACDONALD, J. e MACDONALD Leatrice, 1964. Chain Migration Ethnic Neighborhood Formation and Social Networks. ***The Milbank Memorial Fund Quartely***, XLII (1), 1964, pp 82-97.

RODRIGUES. Henrique, 2011. Escrita de Emigrantes: Abordagem à Correspondência Oitocentista. In: ***Escritas das Mobilidades.*** CEHA. Funchal, Madeira.

_____. "Imagens da emigração oitocentista na correspondência enviada ao Brasil". *Cadernos de história*, Belo Horizonte. http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/2213.

_____; PORTUGUÊS, E., 2013. *Escritas privadas, da mobilidade e da guerra.* TWODESIGN, Monção/Port.

SOUTELO VÁZQUEZ, Raúl, 2001. De América para a casa: correspondencias familiar de emigrantes galegos no Brasil, Venezuela e Uruguay (1916-1969). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

SOUTELO VÁZQUEZ, Raúl, 2003. La correspondencia familiar de los emigrantes gallegos durante el franquismo. In: CASTILLO GÓMEZ, A.; MONTERO GARCÍA, Feliciano (Dir.). *Franquismo y memoria popular: escrituras, voces y representaciones*. Madrid: Siete Mares, 2003. p. 123-176.

THOMAS, William Isaac; ZNANIECKI, Florian, 1918-1920. *The polish peasant in Europa and America*. Universidad de Chicago.